FORM FOLLOWS FUN

A FUNÇÃO IMPORTA, SIM. MAS PARA YAEL MER E SHAY ALKALAY, DO RAW EDGES, O ESSENCIAL É CRIAR OBJETOS LÚDICOS, QUE SURPREENDAM O USUÁRIO E DESPERTEM UM MARAVILHAMENTO QUASE INFANTIL – NO BOM SENTIDO – AO "DESCOBRI-LOS"

POR WINNIE BASTIAN

PARCEIROS NO TRABALHO E NA VIDA, os israelenses Yael Mer e Shay Alkalay, ambos com 39 anos, são hoje um dos grandes nomes do design mundial. O casal, que se conheceu na Bezalel Academy of Arts and Design, de Jerusalém, se fixou em Londres para estudar no RCA (onde se formaram em 2006), e lá estabeleceu seu estúdio em 2007. Desde então, o Raw Edges tem atraído o olhar de críticos, galeristas e empreendedores pela capacidade de dar nova vida a materiais comuns, que ressurgem em produtos absolutamente inesperados. Levando a experimentação às últimas consequências, a dupla chega a métodos construtivos nada convencionais, como cozinhar madeira em tintas ferventes ou injetar espuma de poliuretano em "moldes" feitos com lâminas de madeira dobrada. E, assim, criam peças aparentemente simples, que à primeira vista chamam atenção pela estética (proporções equilibradas e riqueza de cores são uma marca do Raw Edges), mas que, num segundo olhar, vão revelando sua natureza complexa, conquistando de vez o espectador. Em entrevista exclusiva à *Casa Vogue*, Shay Alkalay fala sobre motivações, inquietudes e processo criativo da dupla.

Yael Mer *(à esq.)* e Shay Alkalay fotografados em seu estúdio, em Londres. No alto, à esq., o gaveteiro Stack (2008) desconstrói a estrutura tradicional deste móvel, criando movimento e transformando sua aparência

Como surgiu o nome Raw Edges? Logo antes de fundarmos nosso estúdio *[em 2007]*, trabalhamos na China por quatro meses, em um projeto de malas, no qual queríamos fazer peças com cantos brutos *["raw edges", em inglês]*, sem tratamento. Quando voltamos a Londres lembramos disso, então chamamos o estúdio de Raw Edges, pois usar nossos nomes seria muito tedioso. Mas também tem a ver com nosso interesse em manter as coisas – principalmente os materiais – cruas, em estado natural, sem nenhum tratamento exagerado.

Falando em materiais, vocês têm preferência por algum em especial? Adoramos trabalhar com madeira e papel, nos sentimos confortáveis porque temos boa habilidade para controlá-los e conseguir o que queremos. Além disso, quando usamos outros materiais, necessitamos da ajuda de outras pessoas, e aí temos de explicar o que e como queremos fazer... Não é muito intuitivo. Quando se quer experimentar, que é o nosso caso, é preciso testar coisas com rapidez, por isso gostamos de fazer nós mesmos.

E o contrário? Existe algum material com o qual vocês não gostem de trabalhar? Não amamos materiais caros, como o mármore. Sentimos que ele tem tanta história e cultura que não vemos como podemos melhorar ou acrescentar alguma coisa. E está tão *trendy* agora – não me entenda mal, achamos bonitos muitos dos produtos atuais feitos com mármore, não temos nada contra, apenas não nos parece algo que gostaríamos de fazer. Por outro lado, às vezes você não se sente atraído por algo e aí vem a oportunidade: começa a pesquisar e descobre que existe potencial em coisas sobre as quais nunca pensou. Como o couro, que, até recentemente, quando surgiu o projeto Objets Nomads, com a Louis Vuitton, nós tentávamos não usar – e claro que criar para eles e não empregar o couro seria impossível.

O que vocês buscam ao criar um novo produto? Quando começamos, não sabemos exatamente o que queremos ter no fim. Não fazemos muitos desenhos, preferimos desenvolver protótipos para

O tapete Lake (2014), da Golran, revela dois desenhos diferentes conforme o ponto de vista – sobre ele, o banco Tailored Wood (2010), da Cappellini, no qual lâminas de freixo são modeladas e depois preenchidas com espuma de poliuretano; acima, mesa de pingue-pongue (2014) da Caesarstone (exposta neste mês na Baccarat, em São Paulo); mais acima, o banco da série Endgrain parece brotar do piso em instalação na Chatsworth House, na Inglaterra; e, no alto, à esq., a luminária dobrável Concertina (2015), para a Louis Vuitton

Fotos: divulgação / cortesia Raw Edges

brincar com mecanismos e testar princípios geométricos até encontrarmos algo interessante. Mas o produto final tem de ter algum elemento surpreendente. Sentimos que já existem tantos projetos por aí que precisamos de uma desculpa realmente boa para fazer uma outra peça. Para nós, o essencial não é criar um estilo particular ou uma forma, e, sim, encontrar novas ideias e um novo jeito de fazer as coisas, o nosso jeito.

Que papel tem a cor no seu processo criativo? Ao mesmo tempo que ela é fundamental para nós, é uma parte bem intuitiva. Há várias teorias sobre as cores, mas queremos manter a escolha da paleta mais espontânea – é como a música, que tem a ver com o estado de espírito de cada momento. Claro que a cor é muito importante em nosso trabalho, por isso investimos bastante tempo nos estudos cromáticos para cada projeto. Sabe quando as crianças olham para os objetos e têm aqueles momentos empolgantes, nos quais tentam desvendar alguma coisa? Nossa filha de quatro anos brinca com coisas que são muito óbvias para nós, mas totalmente novas para ela. Quando crescemos, ficamos menos excitados. Em nossos projetos, tentamos imitar essa sensação da criança ao descobrir algo novo. E talvez isso também tenha a ver com as cores, porque os objetos para crianças costumam ser bem coloridos... ●

Abaixo, a trama dos tricôs inspirou a composição da instalação Wall to Wall (2009), com tacos tingidos de 15 cores, apresentada na Established & Sons Gallery, em Londres; ao lado, no aparador Pivot (2008), da Arco, as gavetas não correm, mas giram; e, acima, o aparador-biblioteca Booken (2013), da Lema, subverte a estante tradicional, usando os livros para criar a superfície de apoio